
AS PREGAÇÕES DO BISPO EDIR MACEDO NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: UM ESTUDO DAS POSIÇÕES-SUJEITO

THE PREACHINGS OF BISHOP EDIR MACEDO AT THE UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD: A STUDY OF SUBJECT-POSITIONS

José Maria de Melo Sousa
sousameloap@gmail.com

Doutorando em Letras pela UFPE; Mestre em Teologia pela Faculdade EST; Graduado em Letras-Português pela UESPI; Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica FAEPI; Tem experiência nas áreas de Linguística e Teologia Prática. Atualmente é bolsista da CAPES, na UFPE, pesquisando sobre sujeito religioso na perspectiva da Análise de Discurso pêncheuxtiana.

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar a produção de sentidos no discurso do sujeito Bispo Edir Macedo. Nossa proposta toma como hipótese inicial a ideia de que o Neopentecostalismo, aqui representado pela Igreja Universal do Reino de Deus, uma denominação configurada como uma religião expressivamente mercadológica, se situa numa historicidade reveladora de uma variedade ampla de definições da religião, cujas alianças entre religião, classes e partidos políticos podem ser entendidas quando se considera as posições-sujeito do enunciador da referida instituição por ocasião das pregações sacras.

Palavras-chave: discurso religioso; neopentecostalismo; posições-sujeito.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the production of meanings in the discourse of the subject Bishop Edir Macedo. Our proposal takes as an initial hypothesis the idea that Neo-Pentecostalism, here represented by the Universal Church of the Kingdom of God, a denomination configured as an expressively market-oriented religion, is located in a revealing historicity of a wide variety of definitions of religion, whose alliances between religion, classes and political parties can be understood when considering the subject-positions of the enunciator of the aforementioned institution during sacred preaching.

Keywords: religious discourse; neopentecostalism; subject positions.

SITUANDO A PROPOSTA

No mestrado investiguei o *ethos* do bispo Edir Macedo, uma pesquisa que congrega em si uma posição-sujeito do discurso religioso e corteja um *ethos* falso. Inserido nos estudos discursivos da linguagem, numa perspectiva materialista do discurso, este trabalho em nível de doutorado está em desenvolvimento e tem como temática a produção de sentidos presente no discurso religioso cristão do movimento denominado Neopentecostalismo brasileiro. Assim, trata-se de uma pesquisa cujo escopo leva em consideração as posições do sujeito religioso cristão. Para entender o funcionamento discursivo de pregações do líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante, IURD), Bispo Edir Macedo, servimo-nos das ideias sobre posição-sujeito, oriundas de Pêcheux (1969; 1975), bem como dos conceitos de religião, propostos pela autora britânica Woodhead (2018).

Assim, metodologicamente, a nossa fundamentação teórica está calcada nos postulados da Análise de Discurso pêcheuxtiana. Além disso, articulamos um diálogo com teóricos da Teologia da Prosperidade, como Gaede Neto (1998) e com cientistas da religião, como Campos (1997), Woodhead (2018) dentre outros. Para selecionarmos o nosso *corpus* dentro do arquivo, realizamos uma escolha de pregações do Bispo Edir Macedo, retiradas da plataforma *Youtube* do referido chefe religioso.

A noção de sujeito, formulada por Michel Pêcheux desde suas primeiras inquietações acerca desse aspecto teórico, em 1969¹, ocasião em que se deram seus primeiros debates em torno do discurso, se desloca da concepção de indivíduo de carne e osso. Em sua construção teórica, Pêcheux (1969) se afasta de tal concepção negando também o conceito de sujeito cartesiano autor do seu dizer e, prevê o sujeito a partir de um lugar determinado na estrutura social, longe de ser uma constituição humana individual. Em outros termos, Pêcheux prevê o sujeito do discurso.

Pêcheux se opõe à visão cartesiana por compreender que se trata de uma ilusão fundante o fato de o sujeito compreender-se como a origem e o senhor dos sentidos. Isto porque tal sujeito faz-se entender como origem de si ou do seu dizer produzindo um apagamento do processo de identificação, o que caracteriza a noção de contra-identificação. É preciso dizer também que quando Pêcheux trata de sujeito do discurso, ele não considera a noção de intencionalidade, um conceito caro para a Semiologia (ROCHA; MOURA, 2021).

Verificamos que há lacunas de pesquisa neste campo que podem ser exploradas na seara da Análise do Discurso (AD). A grande maioria dos trabalhos publicados acerca da IURD tratam da análise de sua expansão territorial, a exemplo da dissertação de Leite (2019), defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFBA.

Nossa abordagem, no entanto, não trata especificamente de uma reconstituição histórica; não pleiteia explicitar os aspectos de marketing e publicidade da igreja - especificamente, não pretende analisar os fenômenos do poder evangélico do ponto de vista das Ciências Sociais, nem deseja observar aspectos relativos à expansão territorial. Embora todos esses itens nos interessem, do ponto de vista da transversalidade, nosso foco está na produção de sentidos, na linguagem enquanto elemento opaco, na construção e projeção de imagens que permitem um amálgama entre o empreendedorismo e a fé cristã.

A noção de sujeito a partir da Análise de Discurso pêcheuxtiana

No ano em que se inaugura o nascimento de mais uma teoria, na França, a saber: a Análise de Discurso (AD), o discurso que, contemplou por muito tempo estudos que circulavam no meio científico passando por suas bordas, congrega-se numa ciência constituindo-se como objeto teórico. O ano de 1969, ano em que veio a público a tese de Doutorado em Psicologia Social

¹ Nossa proposta toma por base as primeiras elaborações teóricas de Michel Pêcheux formuladas em “Análise Automática do Discurso” (1969), obra que situa a Análise do Discurso em sua fundação.

de Michel Pêcheux (1938-1983), é reconhecido nos estudos sobre linguagem como o ano de fundação da AD, quando as ciências humanas e sociais deparam-se com a primeira edição do livro *Análise automática do discurso* (AAD-69), do filósofo francês Michel Pêcheux.

A AAD-69, como fruto de uma tese de doutorado no campo da Psicologia Social, se coloca na esteira dos estudos do discurso como obra fundadora da AD configurando-se, pois, num empreendimento científico que abre as cortinas do cenário histórico a ponto de revelar uma data que reconhece Michel Pêcheux como fundador da AD. É uma memória que, a meu ver, deve-se perpetuar pelos anos que seguem, ou seja: **A Análise de Discurso**, antes de ser pensada como francesa ou materialista, deve ser encarada nos moldes de seu fundador, Michel Pêcheux, daí a nossa preferência de reconhecê-la neste artigo como **Análise de Discurso pêcheuxtiana**.

No que tange à tradução da mencionada obra para o Brasil, reconhece-se o notável trabalho precursor de Eni Orlandi e do grupo de pesquisadoras e pesquisadores que a partir dos anos 1990 traduziram esse importante livro para o Brasil.

Nossa pesquisa, que constitui-se como um gesto de leitura e de interpretação, olha para a parte I da AAD-69. Como se sabe, Pêcheux dividiu a AAD-69 em duas partes. Na primeira parte, ele traz o tópico **Análise de conteúdo e teoria do discurso**, na segunda parte, trabalha o ponto **Descrição de um dispositivo de análise automática do processo discursivo**, ao passo que, encerra a discussão com uma conclusão denominada: **Conclusões provisórias**: perspectivas de aplicação da análise automática de discurso. Lançamos o nosso olhar para o mencionado trecho da obra Pêcheux quando o filósofo critica os estudos de Saussure, Jakobson e Chomsky sobre o sujeito. Faremos essa visita a tal elaboração teórica para destacar o que Pêcheux fala sobre o sujeito ao construir seu primoroso quadro onde se encontram os sujeitos do discurso.

À medida que realizamos essa passagem pela AAD-69, tomamos direção rumo à *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de 1975, uma das mais importantes obras de Michel Pêcheux “[...] traduzida e publicada em português, em 1988 [...]”. Nesse texto, Pêcheux nos mostra toda a genialidade de seu pensamento como filósofo da linguagem, entendendo-a como uma prática que se relaciona com outras práticas [...]” (GRIGOLETTI, 2005, p. 62).

Em *Semântica e discurso*, Pêcheux propõe o ideológico e o inconsciente como componentes constitutivos dos discursos, partindo da premissa de que tanto o ideológico quanto o inconsciente dão forma ao sujeito. Visitaremos essa abordagem justamente para observarmos como Pêcheux leva a cabo as posições-sujeito do enunciador, bem como o movimento de desidentificação. O esquema a seguir, nos coloca diante da reflexão sobre a concepção de linguagem como instrumento de comunicação rechaçada por Michel Pêcheux. Essa crítica, como se sabe, aparece inicialmente na AAD-69.

Figura 1 - Esquema de Jakobson. Adaptado pelo autor.



Fonte: Adaptado pelo autor.

Estamos diante do conhecido esquema “informacional”, formulado por Jakobson a partir da noção saussuriana sobre fala, pensado, segundo Pêcheux (2019, p. 36), nos moldes “[...] das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação (esquema ‘emissor-mensagem-receptor’)”. Jakobson, o autor russo mostra em seu esquema a representação da mensagem como transmissão de informação, fato que ilustra a mensagem entre emissor e receptor, uma representação do remetente e um destinatário.

Esse esquema nos ajuda a pensar o que muda na noção de sujeito para Pêcheux em relação a Jakobson. Pêcheux observa os efeitos de sentido entre A e B, ou seja: efeitos de sentido entre os interlocutores. Há, no esquema de Jakobson uma centralidade no lugar ocupado pelo eu-remetente. Ou seja: há um eu que fala e um tu que recebe informação. Essa comunicação ocorre, segundo Pêcheux, demonstrando o tu-destinatário na condição de sujeito passivo, é o que a flecha mostra no esquema, insinuando a transmissão de sentidos. O eu-remetente é alguém que fala e transmite a mensagem para o tu-destinatário. O sujeito remetente é quem se apropria da mensagem que será encontrada num determinado contexto e num determinado canal a partir de determinado código, isto é, a língua, para Jakobson, e por canal Jakobson entendia a mensagem proferida pelo eu-remetente bem como o contexto em que ocorre tal situação de comunicação.

Pêcheux critica o esquema de Jakobson negando o que o autor russo propôs como transmissão de informação, embora tenha visto nos estudos de Jakobson uma abertura de perspectivas para ampliar os limites da Linguística. Para Pêcheux, que ao invés de mensagem, propõe discurso, o que ocorre entre os pontos A e B ou melhor: entre os interlocutores, não é a transmissão de informação, mas efeitos de sentido. “[...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 2019, p. 39).

A primeira questão a ser considerada acerca das primeiras elaborações de Michel Pêcheux, é que há uma preocupação presente desde AAD-69 com as condições de produção do discurso, isto é, as condições sócio-históricas e ideológicas que são constitutivas dos discursos. Em outros termos, as condições de produção são constitutivas da produção de sentidos, além de ser nesse momento também que Pêcheux pontua sua noção de sujeito, reverberando o fato de que a AD não se ocupa com o sujeito empírico (físico) chamado às vezes pelos analistas de discurso de sujeito “indivíduo” de carne e osso ou ainda sujeito real. Pêcheux (2019, p.39) aponta essa distinção quando se coloca nos seguintes termos: “Fica bem claro, já de início, que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais”.

Em AAD-69, o esquema informacional de Jakobson é desdobrado quando se considera que o eu-remetente não detém o controle dos sentidos. Pêcheux propõe um esquema trazendo uma nova roupagem para os elementos da comunicação. Para ele, a comunicação não se dá num eixo linear de uma linha direta entre emissor-receptor tampouco se trata simplesmente de componentes como contexto (referente), mensagem, canal e código posicionados entre emissor e receptor, lugar no qual se assentam as condições de produção. Propor esse modelo é reduzir o discurso à língua, pois discurso não é nem língua nem fala, tampouco transmissão de informação entre eu-remetente e tu-destinatário. Pêcheux (2019, p. 39) congrega discurso em sua filosofia da linguagem como “[...] efeito de sentidos [...]” entre interlocutores.

A partir desse conceito de sujeito, como falante que controla os sentidos, transmitindo-os numa linha direta, e que atua por uma via de “liberdade”, como se observa nos estudos de Jakobson, proponho o que Pêcheux traz em seu esquema.

Figura 2 - Esquema de Pêcheux. Adaptado pelo autor.



Fonte: Adaptado pelo autor.

Michel Pêcheux institui, em seu esquema, não remetente e destinatário, mas lugar social em ambos os pontos; não contexto, mensagem, canal e código entre emissor e receptor nem transmissão de informação; mas efeitos de sentido entre lugares sociais ocupados pelo sujeito enunciativo, isto é, efeito de sentidos entre interlocutores. Nesse esquema, também, está incluído outro conceito muito caro ao autor, a saber: as formações imaginárias que, embora não sejam da ordem do consciente, pois, o sujeito não faz perguntas a si, ao enunciar, as formações imaginárias fazem parte do funcionamento dos processos discursivos.

Nesse sentido, do ponto de vista do processo de produção do discurso, o sujeito, ao tomar a palavra, enuncia levando em consideração a quem está se dirigindo com a palavra. Logo, o sujeito, sob a perspectiva da produção do discurso, assume certos estatutos discursivos, como se observa nas perguntas expostas por Pêcheux em seu esquema, a saber: as perguntas do locutor o qual toma a palavra indagando - “quem sou eu para lhe falar assim?” “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. “[...] em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2019, p. 39).

Com efeitos de sentido, o autor propõe o sentido que, em AD, não está dado. O *a priori* não se assenta na AD devido ao caráter opacificante do sentido. É nesse gesto analítico-teórico que incide o olhar do filósofo Michel Pêcheux. Ele se vale de todo um conjunto de dispositivos teóricos para mostrar que a visualização do sujeito se dá pela produção de sentido. Não se trata de uma simetria entre codificação e decodificação, procedimento pelo qual reduz-se a língua a um código revelador de senhas das quais os sujeitos se apropriam para abrir a porta da comunicação. Teremos ocasião de voltar a esse assunto.

As posições-sujeito em *Semântica e discurso* (1975)

Acabamos de esboçar perspectivas pêcheuxianas em torno das noções de sujeito, sentido e discurso, argumentos congregados em AAD-69. O que vai nos interessar em *Semântica e discurso* (1975) são as modalidades das posições-sujeito que repousam sobre um desdobramento a partir do qual Pêcheux propõe a noção de sujeito da enunciação e sujeito universal.

Porém, antes de realizarmos esse mergulho em *Semântica e discurso*, trataremos primeiramente da noção de Formação Discursiva (FD) proposta por Michel Pêcheux. Isso porque as posições-sujeito só podem ser compreendidas à luz de um conjunto de argumentos que Michel Pêcheux

concentrou em torno das FDs. Portanto, voltaremos a falar sobre posições-sujeito somente após uma passagem pelo conceito de FD. Na exposição que segue, deverá ficar claro que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia. Michel Foucault, em sua obra *A arqueologia do saber* publicada em 1969, se inscreve como primeiro autor a tratar do termo “formações discursivas”.

O pressuposto básico implicado na formulação foucaultiana acerca das FDs, uma ótica teórica inscrita numa visão mais sociológica do que discursiva, por assim dizer, toma por base as regularidades dos discursos apontando a dispersão de enunciados. Ao se articular no debate sobre FD, Foucault se mostra preocupado com as regiões por onde os enunciados se assentam. Pêcheux critica Foucault por considerar em seu conceito de FD a constituição de um conjunto de saberes deixando de fora o conceito materialista de contradição, exclusão que caracteriza a ausência das formações ideológicas no uso que foi feito do conceito de FD por Michel Foucault. “[...] Foucault permanece, de certa maneira, bloqueado pela impossibilidade de pensar e de operacionalizar a categoria da contradição [...]” (PÊCHEUX, 1977, p. 52).

Portanto, Michel Pêcheux devolve sua reflexão sobre FD e observa o que há de materialista em Michel Foucault, permitindo-se apropriar-se do conceito marxista leninista de contradição para inserir na FD a ideologia não abordada por Michel Foucault.

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) [...]” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971, p. 34).

Em 1971, num texto escrito a três mãos, como se observa nessa citação, Michel Pêcheux trata de FD pela primeira vez. O referido texto recebeu o título de *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso* no qual os autores atravessam a abordagem linguística saussuriana que, ao referir-se à significação, enaltece o valor linguístico considerando-o como elemento fundante da significação. Haroche; Henry; Pêcheux (1971, p. 23) observam que, ao propor no CLG “O princípio da subordinação da significação ao valor”, Saussure (2021), deixa de fora a semântica, a teoria dos sentidos, o que possibilita uma reação dos autores a ponto de proporem uma mudança de perspectiva. Pois, para os autores “[...] a significação é de ordem da fala e do sujeito, só o valor diz respeito à língua” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971, p. 23).

Assim, a AD com a noção de contradição trouxe para o seu estatuto teórico a noção de sujeito clivado, isto é, assujeitado que fala inscrito numa FD, não sendo, portanto, autor do dito, mas interpelado pela ideologia. Pois, a instância de contradição se mostra promovendo FD e Formação Ideológica (FI) interligadas. As FDs, ao determinarem o que o sujeito pode e deve dizer, se constituem a partir de uma “[...] posição dada numa conjuntura dada [...] as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam [...]” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971, p. 34).

No início desse ponto, dissemos que as posições-sujeito são compreendidas quando se observa o enfoque sobre as FDs. Então, vimos que em relação a esse enfoque sobre as FDs dado pela noção de sujeito interpelado pela ideologia e, que ao enunciar, o sujeito se inscreve numa ou em várias FDs determinadas pelas FIs. Pêcheux propõe a noção de posições-sujeito em *Semântica e discurso* em resposta aos estudos que deixaram escapar o fato de que uma posição-sujeito se inscreve no discurso filiando-se a uma ou a várias FDs às quais associam-se construções ideológicas. Tal empreendimento científico também, para Pêcheux, ignora o argumento de que o sujeito não é livre, ele é falado e interpelado pela ideologia. Isto pressupõe um argumento

fundamental sobre o sujeito, a saber: o que Pêcheux (2014, p. 198) traz apresentando os indivíduos como “[...] ‘interpelados’ em sujeitos falantes (sujeitos de *seu* discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Ainda, sobre esse ponto, o autor explica que a interpelação do indivíduo em sujeito se dá pelo mecanismo de identificação, ou seja, pelo mecanismo ideológico de identificação, o autor desloca e descentra o mecanismo de determinação, até então vigente na tradição, colocando-o fora do sujeito. Assim, ele propõe

[...] o esboço (incerto e incompleto) de uma teoria não-subjetivista da subjetividade, que designa os processos de “imposição/dissimulação” que constituem o sujeito, “situando-o” (significando para ele *o que ele é*) e, ao mesmo tempo, dissimulando para ele essa “situação” (esse assujeitamento) pela ilusão de autonomia constitutiva do sujeito, de modo que o sujeito “funcione por si mesmo”, segundo a expressão de L. Althusser que, em *Aparelhos Ideológicos de Estado, apresentou os fundamentos reais* de uma teoria não-subjetivista do sujeito, como teorias das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção: a relação entre *inconsciente* (no sentido freudiano) e *ideologia* (no sentido marxista) [...] (PÊCHEUX, 2014, p. 123).

Pêcheux, ao propor sua noção de sujeito, denuncia o idealismo de Hegel. Para ele, o sujeito não fala a partir de sua própria vontade como se a subjetividade fosse sua fonte ou origem. As posições-sujeito não existiriam, para o autor, senão como um efeito. Daí, a sua insistência em procurar as formas de tal efeito que chamou de efeito ideológico de assujeitamento (PÊCHEUX, 2014, p.121).

Em seu ensaio *A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação*, Grigoletto (2005, p. 62) explica que o que Pêcheux propõe acerca das posições-sujeito é apontar “[...] as diferentes modalidades de desdobramento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal”. Em outros termos, Pêcheux acredita pôr em ordem a questão daquilo que ele entende como forma sujeito à medida em que se coloca em questão a autonomia do sujeito, encarando-a como uma forma de assujeitamento que transparece com a ideologia. O sujeito ilude-se fazendo-se entender como detentor de uma autonomia, ao enunciar, mas tal autonomia nada mais é do que um efeito ideológico que mascara o inevitável assujeitamento. Assim, Pêcheux se vale de três modalidades de desdobramento do sujeito. Quanto à primeira modalidade, a preocupação do autor é com a ótica da reprodução dos saberes pela qual a forma-sujeito é dominada. Na primeira modalidade, ocorre a identificação do sujeito enunciador com o sujeito universal. Já na segunda modalidade de subjetivação, por sua vez, ocorre a contra-identificação do sujeito porque “[...] abre-se espaço para a diferença, para a contradição, o que aponta para diferentes posições-sujeito no interior de uma mesma Formação discursiva [...]” (GRIGOLETTO, 2005, p. 62).

Com relação à terceira modalidade pela qual se dá o processo de desidentificação, chamada por Pêcheux (2014, p. 201) de “[...] ‘terceira modalidade’ subjetiva e discursiva, paradoxalmente, caracterizada pelo fato de que ela integra o efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito, efeito que toma a forma de uma desidentificação [...]”, o autor declara que, deve-se, a partir daí, entender isto em um sentido que não há como considerar a prática política fora da prática científica.

Já dissemos que Pêcheux, ao criticar a concepção idealista que reverbera na noção de sujeito, em vez de determinação do sujeito, ele propõe interpelação, identificação, contra-identificação e desidentificação. Pois, em *Semântica e discurso*,

Pêcheux procurou dissociar duas questões até então confundidas: a da determinação e a do sujeito. Ele aí mostra que a determinação, longe de encontrar sua origem no sujeito (como o postula a tradição), ao contrário, o estrutura de fora, pelo viés dos processos discursivos responsáveis pelo efeito de sustentação e o efeito de pré-construído. Estes contribuem, pelo mecanismo ideológico do reconhecimento e da identificação, para descentrar a determinação colocando-a fora do sujeito (HAROCHE, 1992, p. 200).

Claudine Haroche, uma autora que conhece as teses de Pêcheux, mostra nessa citação a elaboração teórica pêcheuxtiana que dizia respeito ao debate sobre subjetividade que desembocava na determinação do sujeito, ou seja, Pêcheux, ao pensar as posições-sujeito, rejeita o efeito ideológico derivado da subjetividade porque, para ele, as formas desse efeito ideológico pressupõem a ideia de um assujeitamento, isto é, a ilusão que o sujeito tem, ao tomar a palavra fazendo-se entender como autor de seu dizer.

Dessa forma, ao se observar tais modalidades, em torno das formas-sujeito, encontram-se nessa formulação os movimentos de identificação e desidentificação, o que faz com que, a partir daí, também venha à luz o processo subjetivo (no sentido pêcheuxtiano) realizado pelo sujeito quando este se apropria dos saberes de uma ou de várias FDs. Para uma compreensão do movimento de desidentificação, no que tange à terceira modalidade, “[...] o sujeito, ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina, produz um movimento de desidentificação, o que significa que ele pode romper com a Formação Discursiva em que se inscreveu e, conseqüentemente, se identificar com outra FD [...]” (GRIGOLETTO, 2005, p. 63-64).

Chamamos a atenção para o fato de que, embora o sujeito se desidentifique deslocando-se para outra FD, não implica que ele não continue interpelado pela ideologia. Quanto ao processo de desidentificação é mister fazer referência ao anexo III em *Semântica e discurso onde* Pêcheux corrige sua formulação anterior acerca da desidentificação do sujeito. Em suas próprias palavras, o autor faz com que nos deparemos com os seguintes enunciados:

[...] frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que faz com que cada um diga “sou eu!”, eu me apoiava em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra, logo a possibilidade de uma “interpelação às avessas” atuando na prática política do proletariado: a exterioridade teorcionista vinha, assim, necessariamente dublada por um pedagogismo invertido, o que acarretava uma inclinação tipicamente platônica [...] (PÊCHEUX, 2014, p.275).

Considerando-se que o sujeito, para Pêcheux, não tem origem em si nem na subjetividade, o autor propõe uma retificação, na citação supracitada, relegando, entretanto, qualquer traço remanescente detectável de resíduos idealistas até então vigentes nos estudos sobre o sujeito.

Essa observação do autor foi fundamental para que a sucessão teórica resultante do que ele chama *inclinação tipicamente platônica* se colocasse na discussão, a saber: a) *o mecanismo ideológico da interpelação-assujeitamento*; b) *o apagamento (“esquecimento”) de qualquer traço detectável desse mecanismo no sujeito pleno que nele se encontra produzido*; e c) *a rememoração teórica de tal mecanismo e de seu apagamento, em uma espécie de anamnésia de porte marxista-leninista da qual resultava a noção de “apropriação subjetiva” a título de efeito prático*. Dizendo de outro modo, isso para Pêcheux, no que se refere ao marxismo-leninismo, comprometeria os fundamentos teóricos da AD, logo se constituiria num “[...] retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática” (PÊCHEUX, 2014, p. 276).

Conforme Grigoletto (2005, p. 65), essa autocrítica coloca Pêcheux frente à terceira modalidade subjetiva do sujeito para “remontar” a mencionada modalidade, “[...] e, com ela, o processo de desidentificação do sujeito enunciador com o sujeito universal, num trabalho na e sobre a forma-sujeito”.

Fica evidente na autocrítica, que Pêcheux não somente evitou retornar para o idealismo revisitando a questão do sujeito pleno e demonstrando que não se trata apenas da ação de se produzir o movimento de desidentificação, se esse fosse o caso, o sujeito se colocaria como consciente e detentor de liberdade para suas escolhas, o que o remeteria a uma apropriação subjetiva, como também trouxe à tona o fato de que, ao produzir a desidentificação, da parte do sujeito, o que acontece é o deslocamento de uma posição-sujeito para outra. Ou seja: o sujeito se desidentifica com saberes de uma determinada FD, ao mesmo tempo em que ele se identifica com outros saberes a partir de outras FDs, o que faz com que o mesmo se inscreva numa nova posição-sujeito. Obviamente, isso também remete à inscrição numa nova FD, fato que caracteriza o não-apagamento total dos saberes com os quais o sujeito se desidentifica.

Diante do fato de que, o próprio processo de desidentificação pressupõe a determinação do sujeito por outra FD na qual os saberes anteriores continuam ressoando, perguntamos se não pode haver ruptura no movimento das identificações.

“[...] é possível pensar, a partir de Courtine (1981), por exemplo, a noção de FD numa outra perspectiva. Já não se trata de um todo complexo com dominante, mas de uma FD com fronteiras instáveis, onde é possível a reconfiguração, a transformação e, por que não, a ruptura. Quando acontece a desidentificação dos saberes do sujeito universal com o sujeito enunciador, é porque houve a transformação da forma-sujeito com a FD que o dominava [...] (GRIGOLETTO, 2005, p. 65).

Como pode-se ver, há na formulação das FDs o embrião de várias noções. Dentre elas, destaca Grigoletto retomando os argumentos de Courtine, nessa citação, quando se coloca em questão a ruptura dos saberes que circulam nas FDs. Para a autora, os saberes circulam num trânsito interdiscursivo que revela os saberes das FDs circulando na medida em que determinada FD se desloca para outra FD com outro sentido. Dito de outra forma, “[...] é possível sim pensarmos numa ruptura da forma-sujeito; no entanto, essa ruptura não significa o apagamento de saberes que circulavam e eram dominantes na forma-sujeito anterior” (GRIGOLETTO, 2005, p. 66).

Ou seja, ocorre a ruptura das posições-sujeito, mas, deve-se observar, a partir daí, que tal ruptura não culmina com o apagamento de saberes anteriores advindos de outras FDs, pois esses saberes ficam sob a ordem do recalque, isto é, os saberes continuam funcionando e circulando, embora calcados pelo sentido de uma nova FD, ainda os referidos saberes podem ser retomados, conforme os movimentos do sujeito. A essa formulação, destacamos que, o rompimento não ocorre com os saberes, mas com os sentidos.

Lembremos que foi concentrado até aqui argumentos em torno das noções sobre sujeito, sentido, discurso e posições-sujeito. Estas, como acabamos de ver, se definem como um conjunto de saberes que aparecem no discurso dos sujeitos inscritos por determinações históricas advindas das FDs e que tomam posições a partir do lugar onde se reconhecem como sujeitos. Antes de irmos ao *corpus*, resta mostrarmos que as pregações do bispo Edir Macedo são elaboradas a partir da nova religião, a saber: o Neopentecostalismo, um tipo de protestantismo estranho ao protestantismo iniciado pelo reformador Martinho Lutero, como veremos adiante.

As pregações do bispo Edir Macedo e o Neopentecostalismo

Segundo Bobsin (2020), de 1960 a 1970 se inaugura uma nova igreja no seio das igrejas pentecostais provocando uma reviravolta de pensamentos teológicos a ponto de os

estudiosos assumirem na pesquisa a tarefa de dissociar duas formas de protestantismos até então confundidas, a saber: o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo. O pentecostalismo, como uma terceira manifestação protestante a surgir no Brasil, ocorreu em 1910. Esse tipo de protestantismo teve seu início nos estados de São Paulo e Belém. Esse grupo de protestantes, a saber, o pentecostalismo, se organizou no país dando origem às denominações chamadas de Igreja Evangélica Assembleias de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo” e Igreja do Evangelho Quadrangular.

O Neopentecostalismo, reconhecido como uma quarta manifestação protestante, surge, no Brasil, entre os anos 1990 e 1992 (ou pode remontar a datas anteriores). Os sociólogos da religião deram esse nome a esse pentecostalismo porque os elementos característicos do que se convencionou chamar de pentecostalismo não caracterizavam mais o pentecostalismo, pois o distanciava teologicamente do período de seu surgimento e congregava em seu conjunto de doutrinas uma doutrina estranha de cura divina que remontava ao período de 1950-1970, agregando também a prosperidade por meio do exorcismo.

O Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), é o maior líder do Neopentecostalismo ou pós-pentecostalismo como propõem alguns cientistas da religião. Conforme o Bispo Edir Macedo:

[...] a época da justificação pela graça conforme Lutero já passou; a época da santificação segundo Wesley também está superada; o pentecostalismo centrado no Batismo do Espírito Santo tornou-se algo do passado. Estamos numa nova época: a da expulsão dos demônios (MACEDO, 1993, p. 131).

Como se observa, nessa citação a distinção entre Neopentecostalismo e Pentecostalismo fica, por assim dizer, a cargo do próprio bispo. Sousa (2020, p. 63) explica que,

O termo “neopentecostalismo”, [...] foi empregado na segunda metade do século XX em meados dos anos 60 e seu significado implicava em designar as confissões de fé de grupos oriundos do [...] movimento de renovação carismática que recusam abandonar as igrejas tradicionais, fazendo surgir dentro ou ao lado delas formas de adaptação do velho protestantismo com o novo pentecostalismo.

Somos agora capazes de compreender como ocorreu a elaboração do conteúdo do Neopentecostalismo. A partir das expressões listadas acima tais como “confissões de fé”, “movimentos de renovação carismática”, tais expressões remetem à origem da Teologia da Prosperidade.

Gaede Neto (1998), por sua vez, argumenta que a origem histórica da Teologia da Prosperidade remonta aos antigos movimentos de cura divina. O autor declara que,

[...] foi a partir dos anos 40 que essa teologia foi sendo articulada como movimento doutrinário, nos Estados Unidos da América. Encontrou guarida nos movimentos evangélicos carismáticos daquele país, alcançando reconhecimento, como doutrina construída, nos anos 70, sendo conhecida também como confissão positiva e movimento de fé. Papel fundamental coube à pessoa de Kenneth Hagin [...] (GAEDE NETO, 1998, p. 06).

Tal teologia encara a prosperidade como posses que devem ser alcançadas pelos fiéis. É esse tipo de prosperidade que o Bispo Edir Macedo prega em sua igreja. Campos (1997) contribui referindo-se à Igreja Universal do Reino de Deus como sendo fundada no Rio de Janeiro, em

julho de 1977, por um ex-funcionário de loteria, católico e umbandista, a saber, o “bispo” Edir Bezerra Macedo.

Segundo Campos (1997, p. 14 e 299), a Igreja Universal do Reino de Deus, em meados da última década do século XX, já contava com cerca de quatro milhões de seguidores e administrava um sistema financeiro estimado em um bilhão de dólares em ofertas (CAMPOS, 1997). Assim, “[...] o ex-funcionário da Loteria Esportiva do Rio de Janeiro, católico e umbandista, decidiu-se por ‘fundar uma religião a fim de ganhar muito dinheiro’” (WULFHORST *apud* GAEDE NETO, 1998, p. 9).

Na concepção de Bobsin (2020, p. 60) “O neopentecostalismo releu a Teologia da Prosperidade para o contexto brasileiro”. Para o autor, entende-se como Neopentecostalismo igrejas, como a Universal dentre outras igrejas que surgiram enraizadas no pentecostalismo, mas com o passar do tempo não se identificaram mais com ele, daí a denominação de um novo pentecostalismo, isto é, neopentecostalismo.

Nossas hipóteses iniciais são, portanto, de que a pregação do bispo Edir Macedo rompe com as doutrinas cristãs voltadas para a humildade, a fraternidade e o perdão, transformando-se num “empreendedorismo profético”, o que remete à perspectiva da Teologia da Prosperidade anteriormente apresentada. Tal rompimento, aproxima os ideais da IURD das estratégias de poder, tal qual acontecia com a igreja católica desde as Cruzadas até o apoio à escravidão que permaneceu até o final do século XIX, conforme Mafra (2001).

Esse amálgama entre religião e poder representa muito bem o atual contexto político-social brasileiro, no qual a denominada “Bancada da Bíblia” exerce forte influência no Congresso Nacional. A aproximação do bispo Edir Macedo com setores conservadores da política brasileira também contribuiu decisivamente para a eleição do atual Presidente do Brasil em 2018 “[...] com 11 milhões de votos de vantagem, grande parte vinda dos evangélicos” (NASCIMENTO, 2019, p. 16).

Como observa Woodhead (2018), uma cientista britânica, a influência da religião na vida política tem constantemente atraído o interesse dos estudiosos especificamente os estudos de antropólogos, sociólogos e historiadores. “Sociólogos e historiadores sociais também têm investigado a forma como estruturas de poder religioso se relacionam com outras estruturas de poder na sociedade, incluindo as desigualdades estruturadas de gênero, classe, idade e etnia” (Woodhead, 2018, p. 204).

Em seu texto *Cinco conceitos de religião*, que recebeu apoio da Universidade de Lancaster, Reino Unido, Woodhead propõe definições de religião bastante significativas tendo em vista a recorrência que ela faz a várias áreas do saber. Nessa direção, para defender a tese de que a religião não se difere muito de “economia”, “política”, “sociedade” ou “história”, Woodhead esboça cinco conceitos de religião como 1) religião como cultura, 2) religião como identidade, 3) religião como relacionamento, 4) religião como prática e, 5) religião como poder.

O que vai nos interessar, na abordagem da autora é o conceito de religião como poder, devido ao fato de que, para Woodhead (2018, p. 199-200), o conceito de religião como poder não promove o apagamento dos outros conceitos mencionados, ele “[...] pode ser visto como sendo complementar: estende seus alcances e acrescenta algo aos seus conteúdos e serventia”. Woodhead parte do pressuposto de que os cinco conceitos de religião a que se propõe abordar exprimem significados e valores vividos pelos indivíduos, mas o conceito de religião como poder, a autora o elege como o condutor de todo e qualquer traço de espiritualidade, pois “[...] o poder reside no cerne da religião, que tipicamente proporciona uma relação com a algum tipo de poder ou poderes superiores [...]” (WOODHEAD, 2018, p. 199).

A autora parte do ponto em que a religião sinaliza o lugar onde o poder aparece. Em outras palavras, o poder tem sua morada nas forças do bem, mas também ele habita nas forças do mal, o que faz com que seja permitido que os seres humanos engendrem determinadas relações com ele, na medida em que, como coloca Woodhead (2018, p. 199), “[...] o compreendem, reverenciam, idolatram, satisfazem, usufruem, manipulam, contestam, contemplam, lhe fazem oferendas e se apegam a ele”. Saliento ainda que, por se tratar de poderes transcendentais que reside no interior da religião sob perspectiva do processo de produção do discurso constituinte, trata-se do poder *charismata*, isto é, “poder divino” cuja preservação ocorre por meio de proibições, o que remete à vocação de alguns indivíduos que são escolhidos, levando em consideração o fato de que tais indivíduos são mais qualificados do que outros para o exercício do ofício de ministro do poder em questão, para chegar, por assim dizer, mais próximo dele.

Assim, instituições religiosas investidas desse poder em razão de uma relação reconhecida com poderes superiores, como é o caso da IURD onde se realizam as pregações do bispo Edir Macedo, executam bem o papel das forças terrenas sobre seus próprios membros e adeptos (fiéis), e no meio social de maneira geral. Gostaríamos de focalizar, mais a fundo, nessa exposição, que iniciamos com a distinção entre Pentecostalismo e Neopentecostalismo, seguida de uma retomada do texto de Woodhead tratando sobre religião, o conceito de religião como poder. Para concentrar os argumentos em torno desse conceito de religião, ela propõe o seguinte tópico:

Religião como “compensador” e “capital”: por dizer respeito a poder, a religião como poder deve algo à teoria da troca, e recorrem a metáforas da economia: de “recompensa” e “compensação”, por um lado, e “capital”, por outro. No caso, religião não se poderia ser compreendida senão como um bem que pode ser negociado entre indivíduos e que tem funções práticas.

Citando Bourdieu (1977), a autora explica que o capital social está atrelado às conexões e redes sociais pelas quais ocorre a representação de um tipo de bem para indivíduos que o encaram como sendo agradável. Uma hipótese, ainda, a ser verificada é que nas religiões que não se alinham pelo capitalismo, se é que há alguma, se demonstraria uma relevância da religião, isto no que se refere à sociedade civil. O que fica claro, no conceito de religião, conforme Woodhead, além do que já se disse sobre o contexto de troca, é que a religião é uma instituição estabelecida de laços. Nesse sentido, o poder na religião alcança não somente a teologia/filosofia, como também os recursos religiosos como

[...] recursos materiais, tais como prédios, que oferecem os meios físicos para reuniões, debates e organização. Elas também possuem líderes treinados, que podem exercer grande autoridade [...] e não somente por serem figuras carismáticas, no sentido weberiano. Esses líderes costumam arrebanhar grandes multidões. Alguns deles têm redes extensas de relações, com frequências globais, e podem apelar para recursos e apoio para além das fronteiras locais ou, até mesmo, nacionais.

Essa citação, conjugada ao que expomos, anteriormente sobre o poder na religião, reverbera o que veremos daqui a pouco, pois coaduna o que se observa sobre a IURD, como uma igreja neopentecostal, com a política, no Brasil, além de evocar o fato de que a relação de igrejas com o Estado, em sua grande maioria, diz respeito a financiamentos do Estado, o que remete aos interesses de líderes eclesiais, argumento que retoma nossas hipóteses iniciais.

Ou seja, nos arriscamos a dizer que, talvez, a única razão porque o Bispo Edir Macedo estabeleceu laços com os governantes do Brasil desde os primeiros anos de existência da IURD até a terceira década do século XXI, seja atender seus próprios interesses, isto é, atender aos interesses do programa de uma igreja que se mostra como um mercado espiritual. Nascimento (2019, p. 14) contribui para a nossa discussão quando esclarece que “Desde a primeira eleição direta para

a Presidência da República, em 1989, Edir Macedo e sua igreja vêm se alinhando aos ocupantes do Palácio do Planalto. O bispo sempre esteve ao lado poder. Fosse com governos de centro, de esquerda ou de direita”.



Disponível em: https://static.dw.com/image/53023034_101.jpg Acesso em 28 de junho de 2022.

Corroborando o que o autor afirma, a imagem acima mostra o bispo Edir Macedo ao lado de Jair Bolsonaro, em 7 de setembro de 2019. Assim, veremos logo adiante, que o poder religioso que a IURD exerce consiste num domínio de poder social inscrito na FD da Teologia da Prosperidade. Sob essa perspectiva, a religião configura-se por outros tipos de poder. “[...] incluindo regulação estatal e legal [...]” (WOODHEAD, 2018, p. 204).

Para selecionarmos o nosso *corpus* dentro do arquivo, realizamos uma pesquisa na plataforma *Youtube* de pregações do bispo Edir Macedo, uma tarefa que se constituiu em nosso primeiro gesto interpretativo, fizemos um recorte de nosso arquivo selecionando eventos discursivos no sermão do Bispo Edir Macedo intitulado “DIREITO à Prosperidade” publicado na plataforma *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=o+direito+%C3%A0+prosperidade+edir+macedo. O sermão mencionado, pregado em 24 de julho de 2014, é uma enunciação constituída em diálogo com o livro de Jó, capítulo 1, um dos textos que compunham a Bíblia, o livro sagrado dos cristãos. É uma pregação em que o Bispo Edir Macedo aborda o tema da prosperidade, interpretando o diálogo entre Deus e Satanás.

Trata-se de uma tipologia de discurso a que Grigoletto (2003, p. 37) se refere como “discurso autoritário”. A tipologia discursiva que constitui o fenômeno investigado neste estudo é uma tipologia discursiva do discurso religioso cristão (se é que se pode dizer que o discurso do Bispo Edir Macedo se constitui na enunciação cristã). O discurso religioso se constitui como cristão na medida em que no mesmo se instaure um sujeito interpelado por um Sujeito maior, a saber: Deus. Essa perspectiva de discurso religioso cristão parte da abordagem de Eni Orlandi em sua obra *A linguagem em seu funcionamento*, a edição de 1996 pela Editora Pontes. Acerca disso, esclarece a autora:

Partindo, então da caracterização do discurso religioso *cristão* como aquele em que fala a voz de Deus, começaria por dizer que, no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens. Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens (ORLANDI, 1996, p. 243, grifo nosso).

Em outros termos, Eni Orlandi sustenta que, no discurso religioso cristão, há um Sujeito, a saber: Deus, reconhecido como soberano. Ou seja, ela afirma que em tal discurso, a liberdade do indivíduo somente é possível se ele se submeter a um Sujeito maior (Deus), o que não acontece com o Bispo Edir Macedo quando ousa pregar a “Palavra de Deus”.

Posto isto, apresentamos aqui a nossa hipótese principal: ao falar para os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, o sujeito Bispo Edir Macedo rompe com os sentidos dos saberes da FD cristã, reverberando, portanto, posições-sujeito determinadas por formações ideológicas que se filiam às FDs da Teologia da Prosperidade. Tal hipótese será testada a partir de agora nas Sequências Discursivas (SD) a seguir.

Análise do *corpus*: o confronto das Formações Discursivas nas pregações do Bispo Edir Macedo

SD1

“A Bíblia fala que quão formosos são os pés daqueles que anunciam as boas novas, a salvação. Além disso, diz que sábio é aquele que ganha almas”.

Primeiramente, destacamos as variantes de identificação, a partir da teoria proposta por Pêcheux pela qual se observa as modalidades de posições-sujeito. Conforme Sousa (2021), que analisou a pregação do Bispo Edir Macedo sob a perspectiva da Semiologia, a legitimação do discurso assumido por Edir Macedo depende da apropriação da enunciação bíblica. Tal apropriação se dá quando o sujeito em Semiologia realiza a semiotização de mundo, pois o auditório da Igreja Universal do Reino de Deus espera que o líder dessa igreja, no caso, Edir Macedo, se pronuncie valendo-se do conteúdo bíblico. Em vez de semiotização de mundo, Pêcheux propõe identificação. O sujeito enunciador, no caso, Edir Macedo se apropria do conteúdo bíblico para se identificar como “bom sujeito”, como porta voz de Deus. No enunciado “*A Bíblia fala que quão formosos são os pés daqueles que anunciam as boas novas, a salvação*”, uma retomada que o sujeito Bispo Edir Macedo faz da enunciação bíblica do profeta Isaías (Isaías 52:7), na forma de discurso indireto, o sujeito Edir Macedo se coloca sob a primeira modalidade de posição-sujeito pela qual o sujeito faz-se entender como “bom sujeito”, o que pressupõe o reconhecimento do sujeito da enunciação e do sujeito universal.

Isso se desdobra no enunciado em análise pelo fato de que o sujeito Edir Macedo, ao falar para os fiéis, se movimenta na prédica presumindo uma identificação chamada por Pêcheux de “identificação plena” entre os saberes, isto é, a identificação do sujeito enunciador com o sujeito universal. Tal aspecto teórico pertence à primeira modalidade de posições-sujeito proposta por Pêcheux. No enunciado, em análise, são os saberes da FD cristã que identificam o sujeito enunciador, Bispo Edir Macedo e o sujeito universal, os fiéis de sua igreja e outras comunidades cristãs que professam a crença no Deus cristão.

E, isso deu certo para o Bispo Edir Macedo porque é assim que ele faz. Por isso, a primeira fala do Bispo, na prédica, remete a seu credo, por assim dizer, mas toma por base os saberes da FD cristã, saberes que são comuns a todo e qualquer cristão. Aproximando-se da segunda modalidade de posições-sujeito, em AD, o bispo agora se inscreve no processo de contra-identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito universal, conforme podemos verificar na SD a seguir:

SD2

“Jó era um homem riquíssimo, o mais rico ... na sua ... naquelas redondezas. Mas ele não era rico porque roubava, ele não era rico porque usurpava os pobres, não, ele era rico porque Deus o abençoava, tá aqui escrito”.

“Então, respondeu Satanás ao Senhor [...] Satanás que tá falando ... acaso não o cercaste com riquezas ele, a sua casa e a tudo quanto tem, leia aí: Jó capítulo 1 e versículo 10”

Como se pode ver, na SD2, as formações imaginárias no discurso do Bispo Edir Macedo o levam a se contra-identificar em relação ao sujeito universal. Com os itens lexicais “riquíssimo”, “rico”, “pobres”, o sujeito Edir Macedo se contrai-identifica em relação ao sujeito universal, no caso, seus ouvintes, demarcam um lugar onde reside a “riqueza”, isto é, uma riqueza que pertence ao Deus de quem o Bispo é porta-voz e de quem ele presume ter recebido todas as suas posses. Nesse instante da pregação, o sujeito universal, principalmente os fiéis da IURD, veem-se, na sua maioria, em sua existência de miséria e pobreza, mas veem-se também com uma pequena ou grande riqueza, pois o seu pregador enquanto sujeito enunciador se volta contra seus interlocutores relegando qualquer tipo de miséria.

O “Satanás”, na religião, está associado à ideia de inferno, de derrota e de miséria. É praxe da pregação do Bispo Edir Macedo usar o nome “Satanás”, pois inclui no seu credo, a libertação, pelo exorcismo, o que implica na expulsão de demônios, da possessão maligna associada com os cultos mediúnicos. Quando Woodhead (2018), ao pensar a religião como poder, fala que o poder se localiza no cerne da religião, é justamente dessa guerra entre o bem e o mal que a autora está falando.

Na SD discursiva, em análise, os itens lexicais “riquíssimo”, “rico”, “pobres” e “Satanás” mostram uma voz plural no discurso do sujeito Edir Macedo que no decorrer da SD, assume a posição-sujeito de “ex-funcionário da Loteria Esportiva do Rio de Janeiro, católico e umbandista, que decidiu-se fundar uma religião a fim de ganhar muito dinheiro”. Tal procedimento na enunciação evoca um mecanismo discursivo que Pêcheux chama de contra-identificação pelo qual o enunciador coloca dúvidas em seus interlocutores, A fala do bispo, nesse recorte discursivo, revela uma determinação do sujeito enunciador por outra FD, ou melhor, a FD da Teologia da Prosperidade, devido à reformulação de saberes da forma-sujeito da segunda modalidade de subjetivação na qual o sujeito enunciador se separa do sujeito universal. Em tal SD, o sujeito enunciador acusa seus interlocutores de pensarem numa pobreza que existe para aqueles que acreditam em Deus, sendo que sua pregação fala de um Deus que age para tornar todos ricos, como Deus o é.

Por outro lado, diante da hipótese de que nos propomos verificar pela qual afirmamos ser o discurso do sujeito Bispo Edir Macedo um discurso que rompe com os sentidos dos saberes da FD cristã, a pregação do sujeito enunciador atravessa o discurso religioso cristão e enuncia, o que pode ser percebido a partir da seguinte SD:

SD3

“[...] as bênçãos materiais como as espirituais vem do altíssimo [...]. É por isso que nós temos, aqui as segundas feiras, oração para as pessoas que querem prosperar, orientação para as pessoas que querem ser donas dos seus negócios, serem abençoadas”.

Mais uma vez remetemos nossa análise à teoria pêcheuxtiana do discurso. Olhamos para a SD3 a partir do que Pêcheux sublinha como deslocamento da dicotomia saussuriana entre língua e fala. Nessa passagem, Pêcheux postula que não é possível separar língua de discurso (como quer Saussure), como bem coloca Orlandi (2006). Para o autor, não se poderia considerar o discurso senão pela relação entre o que é social e o que é histórico. Essa percepção está relacionada com

a função da FD quando a mesma dissimula o “[...] fato de que ‘algo fala’ [...] sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente [...]’” (PÊCHEUX, 2014, p. 149).

Ao enunciar utilizando-se do enunciado “[...] *É por isso que nós temos, aqui as segundas feiras, oração para as pessoas que querem prosperar, orientação para as pessoas que querem ser donas dos seus negócios, serem abençoadas*”, o sujeito Edir Macedo rompe com os sentidos da FD cristã, filiando-se a outras FDs, a saber, as FDs do capitalismo, especialmente a FD da Teologia da Prosperidade.

Em “[...] *as bênçãos materiais como as espirituais vem do altíssimo [...]*”, a voz do enunciador, evoca, por um lado o fato de que há um reconhecimento da FD cristã em relação às pessoas que se interessam por prosperidade, tais indivíduos são orientados pela interpelação do sujeito Edir Macedo a buscarem sua prosperidade, as “bênçãos”, no “Altíssimo”. Isso pode estar na ordem do interdiscurso pensando aqui na enunciação de Gênesis 1.28, quando Deus dá ordem aos seres humanos para terem domínio sobre o mundo. Por outro lado, o enunciado “[...] *É por isso que nós temos, aqui as segundas feiras, oração para as pessoas que querem prosperar, orientação para as pessoas que querem ser donas dos seus negócios*” leva o sujeito enunciador, a saber: Bispo Edir Macedo, a se desidentificar em relação aos saberes da FD cristã.

Como se sabe, nenhum teólogo exegeta refere-se à prosperidade do indivíduo como sendo uma questão de espiritualidade ou de escolha do Deus em quem se deve crer. A doutrina de prosperidade, na Bíblia, o livro dos cristãos, sempre remete ao trabalho árduo. Em outros termos, “[...] a posse de bens materiais é considerada um incentivo legítimo ao trabalho árduo” (ERICKSON, 2015, p. 577).

A desidentificação do sujeito enunciador com o sujeito universal ocorre quando o sujeito enunciador rompe com os sentidos da FD pela qual ele se identifica. Para Pêcheux (2014, p. 201), a desidentificação, como uma dessubjetivização do sujeito, promove “[...] uma anulação da forma-sujeito” para a qual se dá a ruptura de sentidos de uma ou várias FDs. No caso, o sujeito se desidentifica deslocando-se para outra FD. É exatamente esse deslocamento que ocorre com o sujeito Bispo Edir Macedo, na SD3, ele rompe com os saberes da FD cristã e passa a falar pela determinação da FD da Teologia da Prosperidade, ao tempo em que ocorre também o deslocamento da posição sujeito de porta voz de Deus para posição sujeito de empreendedor. Em outras palavras, o sujeito enunciador inscrito nas SDs, em análise, reinterpreta a Palavra de Deus a partir do lugar de porta voz de Deus, mas, ao fazer essa reinterpretação, o faz pelo viés da prosperidade e do empreendedorismo, o que evoca um movimento de deslocamento de sentidos porque tal movimento rompe com uma relação entre trabalho-prosperidade para uma relação entre fé-prosperidade. São exatamente os sentidos de prosperidade encontrados na voz do enunciador dessa pregação que faz com que localizemos a Teologia da Prosperidade. Ou seja: os sentidos de prosperidade e empreendedorismo que circulam na pregação do sujeito enunciador Bispo Edir Macedo não se encontram na enunciação da FD cristã (ERICKSON, 2015).

Em relação à continuidade da análise das três SDs discursivas, a pregação do Bispo Edir Macedo no sermão “Direito à Prosperidade” ocupa posições-sujeito filiadas à FD da Teologia da Prosperidade, mesmo do lugar religioso de Bispo cristão. Ao se relacionar com os saberes da Teologia da Prosperidade, o sujeito Edir Macedo é interpelado pela ideologia mercadológica/capitalista, ele assume, então diversas posições-sujeito, a saber: uma posição-sujeito de empreendedor, uma posição-sujeito neopentecostal, uma posição-sujeito anticristã, porque, ele acaba negando o cristianismo voltado para pobreza, uma posição-sujeito de chefe religioso e uma posição sujeito de porta voz de Deus.

A posição do Bispo de sujeito porta voz de Deus se identifica totalmente com a forma histórica da FD cristã, mas remete ao um sujeito que se desloca para outra FD e se identifica também plenamente com a FD da Teologia da Prosperidade, uma teologia que “[...] não

teve origem dentro do pentecostalismo, mas é um produto da relação dialética entre este e o movimento conhecido como confissão positiva. Os grandes arautos dessa síntese são Kenneth Hagin e E. W. Kenyon” (SIEPIERSKI, 1997, p. 52).

Conclusão

A análise permitiu o desenvolvimento de uma comunidade religiosa sincrética. Nas SDs discursivas, como vimos, anteriormente, o sujeito Edir Macedo rompe com o cristianismo voltado para a pobreza, o que caracteriza a IURD como uma igreja não evangélica, pois, a mesma nega as doutrinas do Evangelho por não aceitar a ética cristã do discurso teológico. Com respeito à constituição do sujeito Bispo Edir Macedo, o enunciador se desidentifica em relação ao sujeito universal inscrito na FD cristã, ao mesmo tempo em que, se desloca da posição de sujeito porta voz de Deus e, assume a posição de sujeito empreendedor tornando-se porta voz não mais de uma igreja evangélica, mas porta voz de uma empresa, a sua igreja.

Nas análises, chama-nos a atenção a proliferação de vozes exibidas pelo sujeito enunciador pelas quais tal sujeito convoca os interlocutores (fiéis da IURD) para aceitar o credo da IURD ao qual não se associa a “Palavra de Deus”.

Observamos, nessa chamada do sujeito Edir Macedo, os fiéis sendo induzidos a fazerem uma barganha com Deus, considerando a igreja cristã como uma loteria religiosa. Isso porque a análise permitiu perceber também que, ao se desidentificar, não é mais o sujeito porta voz de Deus falando, mas o ex-funcionário da Loteria Esportiva do Rio de Janeiro, católico e umbandista, que decidiu-se fundar uma religião a fim de ganhar muito dinheiro.

O próprio Bispo Edir Macedo é quem fala que “Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a sua Palavra, repreendendo espíritos devoradores [...]” (MACEDO, 1993, p. 79).

Esse fato assinala um deslocamento em relação a FD cristã, o que ficou claro nos três recortes analisados quando partimos da noção de discurso religioso cristão, conforme, Orlandi (1996), na concepção da qual, em tal discurso Deus é o Sujeito maior, mas desde o ponto de partida de nossa análise, Deus na pregação do sujeito Edir Macedo se torna o sujeito menor, portanto, coagido e determinado pelos saberes da FD da Teologia da Prosperidade.

Nosso estudo mostrou as duas principais FDs que determinam o discurso neopentecostal assumido pelo sujeito Bispo Edir Macedo: a FD cristã e a FD da Teologia da Prosperidade. Ao realizar o processo de desidentificação, o sujeito Edir Macedo aponta o desenvolvimento da Teologia da Prosperidade, uma teologia que promoveu práticas neopentecostais desbragadas e desbravadoras, no Brasil, a ponto de depauperar as doutrinas cristãs.

Com relação à AD pêcheuxtiana, uma teoria transversal que se articula em diálogo com outros campos do saber científico, implica que nos utilizamos de uma proposta teórico-metodológica capaz de mostrar o funcionamento do discurso religioso como sendo determinado por formações ideológicas. Foi possível perceber com AD, além do que já expomos nesta conclusão, a forma como o indivíduo se torna sujeito, isto é, a ideologia interpelando os indivíduos em sujeitos.

Significa ainda que o discurso reflete uma determinada visão de sociedade. Como se observou, ao ocupar a posição de sujeito empreendedor, o enunciador se inscreve num único lugar discurso, o de empresário espiritual, confirmando a hipótese de Bobsin (2020), ou seja: o neopentecostalismo releu a Teologia da Prosperidade para o contexto brasileiro. Desse modo, como vimos nas análises do *corpus*, realizadas, a visão de sociedade na voz do enunciador remete ao fato de que a condição de miséria ou de pobreza dos indivíduos não reside num contexto social historicamente marcado pela exclusão e má distribuição de renda, mas no pecado, na idolatria, na falta de crença no credo da IURD e na atuação de demônios na vida das pessoas, uma visão de

sociedade que ignora as relações concretas dos indivíduos com o meio social ou melhor: todos os problemas sociais estão vinculados à realidade espiritual.

Ao ocupar a posição sujeito de empreendedor, acionando os saberes da FD mercadológica da Teologia da Prosperidade, o sujeito Edir Macedo não se mostra como “bom sujeito” de que se refere Pêcheux. Portanto, o sujeito enunciador não fala aos fiéis da IURD, como um “Bispo”, no sentido cristão. Os fiéis da IURD que, em geral, são indivíduos marginalizados e abandonados pelas políticas públicas do Estado, incapazes de usufruir dos bens sociais, dentre eles a escolarização e a consequente tomada de consciência do mundo a sua volta, não são apascentados por um bispo/sacerdote/pastor cristão, são orientados por um empresário da fé.

Não teríamos aí, no discurso religioso cristão, um sujeito que se submete ao Sujeito maior, Deus. Há uma inversão de sentidos. Ao se desidentificar rompendo com os sentidos dos saberes da FD cristã, o Bispo Edir Macedo se torna o Sujeito maior e, “Deus”, o sujeito menor, pois, em seu discurso, “Deus” é quem deve submeter-se à voz de um sujeito maior. O enunciador, na pregação, mostra um Deus que fica na obrigação de tornar ricos os indivíduos que entregarem ofertas e dízimos. Por essa inversão de sentidos, o “Reino” não é de Deus, passa a ser do sujeito Edir Macedo.

Pode-se constatar, através dos Recortes acima, que as pregações do sujeito Bispo Edir Macedo, contra-identificando os saberes religiosos cristãos e, demonstrando um sujeito enunciador desidentificando-se em relação ao sujeito universal, vêm a caracterizar uma barganha do fiel com Deus na medida em que o indivíduo entrega dízimos e ofertas em troca de prosperidade financeira.

REFERÊNCIAS

BOBSIN, Oneide. **Ciências da Religião**. [Recurso Eletrônico] São Leopoldo, EST, 2020.

Bourdieu, P., 1977. **Outline of a theory of practice**. London, New York: Cambridge University Press. (Há tradução brasileira).

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. 2. ed. PetrópolisRJ / São Paulo/São Bernardo do Campo: Vozes / Simpósio/ UMESP, 1997.

CÉSAR, Elben M. Lenza. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa/MG: Ultimato, 2000.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo, Campinas, SP: Pontes, 2018.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

França, Thiago Alves. **Sentidos e funcionamentos do discurso de ódio em espaços do Facebook**: uma leitura discursiva. 2019. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

FOUCAULT, Michel **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAEDE NETO, Rodolfo. *Teologia da prosperidade e diaconia*. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; GAEDE NETO, Rodolfo; MEURER, Evandro Jair. **Teologia da prosperidade e Nova Era**. São Leopoldo: IEPG, 1998.

GRIGOLETTO, Evandra. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. **Estudos da linguagem**. n. 1, p. 61-67, 2005.

GRIGOLETTO, Evandra. **Sob o rótulo do novo, a presença do velho**: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.

LEITE, Luiza Chuva Ferrari. **O plano de poder da igreja universal do reino de Deus**: estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil. 2019. 167 f. Dissertação. (Programa de pós-graduação em Geografia. Instituto de Geociências). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019. Disponível em: 3o%20Final.pdf Acesso em: 5 out. 2021.

MACEDO, Edir. **O poder Sobrenatural da Fé**. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios. 15.ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MOURA, João Benvindo de; ROCHA, Max Silva da. (org.). **Semiolinguística e Retórica**: Interfaces. Teresina: Editora Pathos, 2021b. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiinguistica-e-retorica-interfaces/> Acesso em: 17 fev. 2023

NASCIMENTO, Gilberto. **O reino**: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. In:

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson (org.). **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Segmentar ou recortar?** In: Linguística: questões e controvérsias. Uberaba, nº 10, 1984, p. 9-26.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Tradução de Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi [et al.] 2ed Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *Remontemos de Foucault a Spinoza* [1977]. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.

SERMÃO DE EDIR MACEDO “Direito à prosperidade”. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=o+direito+%C3%A0+prosperidade+edir+macedo. Acesso em 5 de setembro de 2019 às 13h00.

SOUSA, José Maria de Melo. **O ethos no discurso pastoral do neopentecostalismo brasileiro.** Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/o-ethos-no-discurso-pastoral-do-neopentecostalismo-brasileiro/> Acesso em: 20 jan. 2021.

SOUSA, José Maria de Melo. Os imaginários sociodiscursivos nos discursos do bispo Edir Macedo. In: MOURA, João Benvindo de; ROCHA, Max Silva da. (org.). **Semiolinguística e Retórica: Interfaces.** Teresina: Editora *Pathos*, 2021b. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiinguistica-e-retorica-interfaces/> Acesso em: 17 fev. 2023.

SOUSA, Bertone de Oliveira. A teologia da prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano IV, n. 11, Setembro 2011 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html> Acesso em: 5 out. 2021.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil. **Estudos Teológicos**, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/776/711. Acesso em: 12 mar. 2022.

WOODHEAD, Linda. Cinco conceitos de Religião. **Revista Último Andar**, n. 32, dez. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329836654_CINCO_CONCEITOS_DE_RELIGIAO. Acesso em: 20 abr. 2020.